



Universidade de Brasília
Instituto de Ciência Política

**Comportamento político e violência eleitoral nas eleições
de 2022 no Brasil.**

Raquel Lobo Gaia da Silva



Universidade de Brasília
Instituto de Ciência Política

Comportamento político e violência eleitoral nas eleições de 2022 no Brasil.

Raquel Lobo Gaia da Silva

Monografia apresentada ao Curso de
Ciência Política, do Instituto de Ciência Política,
Universidade de Brasília, como requisito parcial
para obtenção do grau de Bacharel em Ciência
Política sob a orientação do professor Arnaldo
Mauerberg Junior

Silva, Raquel.

Comportamento político e violência eleitoral nas eleições de 2022 no Brasil / Raquel Lobo Gaia da Silva. Brasília, 2032.

42 páginas.

Monografia (bacharelado) – Universidade de Brasília. Departamento de Ciência Política, 2023.

Orientador: Professor Doutor Arnaldo Mauerberg Junior. Departamento de Ciência Política.

1. Eleições. 2. Comportamento Político 3. Violência Eleitoral. 4. Polarização.

DEDICATÓRIA

*Aos meus pais Ana e Haroldo e meu
ao irmão Rodrigo, por terem se dedicado
com tanto carinho a minha criação e por
terem sido os primeiros a acreditar em meus
sonhos.*

AGRADECIMENTOS

Por todos os dias que vivi durante meu processo de adentrar a Universidade de Brasília, até hoje, em que chego ao fim de um ciclo, eu agradeço minha família. Agradeço meus pais por toda dedicação e palavras de apoio que tenho recebido desde sempre. Agradeço meu pai, Haroldo, por ter se empenhado tanto para que eu entendesse a importância da educação em minha vida, por ter sido um pai de excelência que fez parte de todas minhas conquistas, sempre foi e sempre será meu maior exemplo de dedicação. A minha mãe, Ana Beatriz, agradeço por toda a cautela que teve comigo, sempre me ouvindo, sempre me motivando e sempre sendo meu porto seguro, agradeço, pois, é ela a primeira a cuidar de mim em até nos momentos mais turbulentos. Agradeço meu irmão Rodrigo pois, acima de tudo, ele também é meu melhor amigo e sempre será a pessoa que eu mais admiro e me espelho. Agradeço a meus avós, Sônia e Adilson, meus maiores encorajadores. E gostaria de agradecer também a minha madrastra, Dargiane, e minha irmã de consideração, Vitória, que sempre celebraram comigo minhas conquistas tanto quando celebro as delas.

Ainda, desde quando me mudei para Brasília, muitas pessoas entraram em minha vida para celebrar e compartilhar sorrisos e lágrimas comigo. Por essa razão gostaria de agradecer minhas amigas Beatriz e Clarissa, que por mais de uma década, sempre estiveram ao meu lado em todos os novos ciclos que se iniciaram e terminaram. Agradeço também às minhas amigas que conheci dentro da universidade, que desde o primeiro momento se tornaram minhas maiores companheiras nessa jornada dentro do curso de Ciência Política, e por isso agradeço a Ana Luiza, Anna Rosa, Camila, Hanna e Marcella.

Por fim, minha vida acadêmica e profissional contou com muitas pessoas que me foram cruciais em meu desenvolvimento durante essa fase. Por isso agradeço aos meus supervisores do estágio, Frederico e Sabrina, que me ajudaram muito no processo de escrita da monografia, sempre compartilhando suas experiências e sempre validando meus relatos pessoais durante esse último ano. Agradeço também ao meu professor orientador Arnaldo pelo apoio e prontidão em me auxiliar nesse processo tão único e engrandecedor que foi escrever a monografia.

Todos vocês fazem parte da minha história como mulher, filha, irmã, neta, amiga, aluna e aprendiz. Não teria conquistado isso sem vocês e que esse seja mais um capítulo de muitos em minha jornada.

EPÍGRAFE

“Quando somos ensinados que a segurança está na semelhança, qualquer tipo de diferença parece uma ameaça. Quando escolhemos amar, escolhemos nos mover contra o medo.”

(Bell Hooks)

RESUMO

Este trabalho busca avaliar quais são os principais elementos que se direcionam ao comportamento violento eleitoral, principalmente no tocante de como se articulam e se relacionam os eleitores do candidato Jair Bolsonaro entre si e com eleitores do candidato Luiz Inácio “Lula” da Silva. Com isso, há um levantamento e apresentação de acontecimentos e contextos observados durante o período eleitoral que, em diálogo com a literatura levantada sobre comportamento e violência política, são analisados para traçar um maior entendimento sobre os grupos políticos e os motivadores de suas condutas.

Palavras-chave: Eleições. Comportamento Político. Violência Eleitoral. Polarização

ABSTRACT

This study seeks to evaluate the main elements that lead to violent electoral behavior, especially in terms of how the voters of candidate Jair Bolsonaro articulate and relate to each other and to the voters of candidate Luiz Inácio "Lula" da Silva. With this, there is a survey and presentation of events and contexts observed during the electoral period that, in dialogue with the literature on political behavior and violence, are analyzed to draw a greater understanding of the political groups and the motivators of their conduct.

Keywords: Elections. Political Behavior. Electoral Violence. Polarization

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	Contextualização	9
1.2	Formulação do Problema	9
1.3	Objetivos.....	10
2	REVISÃO DE LITERATURA	10
2.1	Insatisfação Política e Criação de Identidades.....	10
2.2	Redes Sociais.....	15
2.3	Comportamento e Violência.....	18
3	CORRELAÇÕES E HIPÓTESES	21
4	METODOLOGIA	23
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO	24
5.1	Engajamento emocional e o comportamento violento.....	24
5.2	Redes sociais e o comportamento violento	27
5.3	Proteção do governo bolsonarista e o medo da perda da posição de poder	32
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	37

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

O comportamento político e eleitoral é instrumento de observação que pode ser usado para compreender ou justificar o contexto que um país está vivenciando. O mesmo pode ocorrer no caminho contrário, observar o quadro sociocultural de um período leva a compreender melhor escolhas e atitudes eleitorais que se desdobraram nos resultados observados atualmente. A presente conjuntura da política brasileira se resulta de anos de um cenário político marcado por instabilidades, e mais recentemente, pela adoção de diferentes mecanismos que serviram como determinantes à percepção e comportamento do eleitorado no país. Um mecanismo fortemente presente no cenário político é a violência eleitoral. Essa não é um aparato novo na política, mas em dados acontecimentos ela se torna mais evidente. Para contextualização, a violência eleitoral se caracteriza principalmente por atos de ameaça e coerção que buscam interferir ou afetar o processo eleitoral, por meio da violência, seja ela física ou verbal. Isto é, um tipo de violência política que busca como fim intervir nos resultados de eleições (Fisher, 2002; UNDP, 2009).

Analisando o cenário brasileiro, a violência tem sido um fator evidente na política. Isso pode se dar por uma sucessão de elementos que partem do contexto histórico recente, como insatisfações políticas, o estabelecimento de figuras fortemente populistas e crises no cenário político, econômico - e mais recentemente - sanitário. Identidades políticas e o uso das redes sociais também parecem interferir fortemente no comportamento dos eleitores, principalmente no tocante à organização e separação dos grupos políticos, criando-se um espaço entre eles e os antagonizando.

1.2 Formulação do Problema

Pondo em evidência as eleições de 2022, nota-se um debate persistente em que se destaca figuras postas como oposições na corrida eleitoral, o até então presidente Bolsonaro e o, posteriormente eleito, presidente Lula. Para entender, é necessário se contextualizar sobre a crise política e econômica que o governo petista enfrentou até 2016, que se sucedeu a um impeachment. Deve-se também compreender a construção da imagem de Bolsonaro, a partir da adoção de uma imagem conservadora com discursos voltados à liberdade de expressão, desvirtuando a atenção do debate político para pautas de interesse da sociedade para assumir

um teor mais apelativo para religiosidade e moralidade (Alves, 2023). Ademais, 2022 foi um ano eleitoral acirrado com eleitores temerosos dos possíveis resultados.

Esses fatores, por efêmeros que pareçam ser, se somam para influenciar o comportamento e escolha dos eleitores, até ao ponto de motivar reações violentas. Os acontecimentos observados foram variados, de eventos como constantes mobilizações em redes sociais, levando a uma crise da informação nas redes sociais, instaurando o espaço da pós verdade, até violências verbais e físicas explícitas, até a culminação no ataque do 8 de janeiro, com depredação e vandalização dos prédios dos poderes do Estado.

1.3 Objetivos

Dessa forma, a presente pesquisa buscará, como objetivo geral, identificar dentre os elementos observados como principais estímulos, diretos e indiretos ao comportamento eleitoral violento. Os objetivos específicos buscados serão apontar, no cenário eleitoral de 2022 no Brasil, quais elementos exercem maior influência sobre o comportamento violento dos eleitores e como se diferem comportamentalmente os eleitores de Lula e Bolsonaro, com o objetivo de melhor compreender as relações eleitor e candidato e agregar às análises de próximas eleições. Para isso, levará em consideração também, a influência que a imagem dos candidatos tem sobre seus comportamentos, buscando entender se falas, atitudes ou a ausência delas possuem alta interferência em seus eleitores. Dito isso, a metodologia de pesquisa se proporcionará por meio de uma análise documental do que foi noticiado durante o período eleitoral, tendo como principais objetos de estudo as relações entre os eleitores dos dois candidatos mais votados à presidência no ano de 2022.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Insatisfação Política e Criação de Identidades

Um elemento inicial para analisar o comportamento eleitoral, é entender como a população se relaciona com o cenário em que está inserida. A literatura traz associações das opiniões políticas e do comportamento com a insatisfação dos eleitores com a atuação do governo vigente, e vai adiante para abordar as consequências a longo prazo que isso trouxe ao cenário político no Brasil. Em um contexto de crise econômica e política, o país se deparou com uma forte movimentação política de protestos que se iniciaram em 2013, durante o governo Dilma, e perduraram até 2019. Os protestos levantados abordaram principalmente uma

grande insatisfação com a administração econômica e política da época, em meio a grandes gastos para a sediar da copa de 2014 e das olimpíadas de 2016, que se juntavam à má gestão de serviços públicos. Essas manifestações assumiram, com o tempo, outras posturas ideológicas que se depararam com a uma luta pela destituir a ex-presidenta Dilma, e consequentemente o PT, do poder. Nessa mesma época as manifestações eram tomadas pela adoção das cores das bandeiras para representar a parcela da população que estava protestando a favor da melhoria do país, se posicionando contra o PT, e criando uma identidade que mais adiante viria a ser adotada por Bolsonaro em suas campanhas (Mendonça e Domingues, 2022).

A crise foi um fator crucial para o fenômeno antipetista que estava prestes a se fortalecer e que viria a se tornar um motivador para os resultados eleitorais em 2018. O Brasil passou historicamente por um processo de polarização dinâmica o qual, segundo Bello (2023), se divide em três ciclos temporais. Nota-se que seu crescimento ocorreu principalmente a partir do ciclo de 2003 a 2014, isso é apontado pelo autor como evidência de uma polarização induzida pelo antipetismo no país, em ciclos que se comprovam com maior nitidez à medida que a observação do tempo se aproxima de 2019 (Bello, 2023). Conforme comprova Fuks, Ribeiro e Borba (2021), o antipetismo teve um impacto positivo para a vitória de Bolsonaro. Contudo, esse não foi isoladamente o responsável pela acentuação dos votos, pode-se observar uma reação similar entre aqueles que se mostravam forte intolerância aos partidos no geral, isto é, principalmente os presentes naquela corrida presidencial (Fuks; Ribeiro; Borba. 2021). Ademais, os autores trazem em perspectiva, para o entendimento da pesquisa, que Bolsonaro se apresenta aos eleitores como uma alternativa política a partir de uma identidade que representasse esses sentimentos de aversão partidária, principalmente no que se infere de sua aproximação a figuras religiosas, recebendo forte atenção da parcela evangélica da população. Isso traz em evidência esse posicionamento contrário às ideias que foram popularmente associadas a imagem do Partido dos Trabalhadores:

“Bolsonaro won support from significant segments of the Brazilian population by establishing alliances with religious leaders, especially evangelicals, and taking unequivocal and vehement positions on issues such as sex education in schools, same-sex marriage, public security and threats from communism, and consistently affirmed the traditional family and religion as pillars of Brazilian society.” (Fuks; Ribeiro; Borba. 2021).

Esse discurso de teor conservador e apelativo à religiosidade vem também carregado de um desvio de atenção das pautas de interesse da sociedade. Apesar de Bolsonaro se apresentar como um recurso de saída das crises surgidas durante os governos petistas, contra a

corrupção e ao crime, seu discurso se direcionava a um debate de caráter moral, assumindo um tom mais apelativo voltado à distorção das bandeiras levantadas pela esquerda. Pautas econômicas ou sociais são desfocadas pelo discurso a favor da defesa dos bons costumes, da família tradicional, do conservadorismo, da guerra contra a doutrinação das políticas igualitárias (Alves, 2023). Dessa forma, pode-se observar a construção de uma identidade eleitoral populista, baseada na aversão a um grupo político em junção a uma forte polarização das pautas. Nesse sentido, criar a imagem de um inimigo comum pode ter um fator positivo para a conquista de apoio eleitoral, visto que essa agitação no campo político auxiliaria não somente a união de um grupo homogêneo, como incentiva a migração identitária dos eleitores de centro para a direita (Singer, 2021).

É importante olhar com maior atenção essa movimentação neoliberalista que vem acompanhada da imagem de Bolsonaro. O ex-presidente se apropria de discursos que constantemente se centralizaram em debates fervorosos na política, principalmente em um país com uma grande parcela cristã. A insatisfação da população com temas políticos e econômicos foram auxiliares para instaurar um terreno onde o discurso conservador pudesse se desenvolver com maior naturalidade, e a luta contra o “outro lado” passasse a tomar uma proporção mais agressiva. Esses fatores são sinais que apontam a uma polarização afetiva assimétrica, a qual tende principalmente à direita (Fuks e Marques, 2022). Nesse sentido, deve-se entender uma diferenciação inicial na análise de comportamento entre os eleitores bolsonaristas e os petistas pois, nesse contexto, encontra-se uma radicalização maior em um grupo, e consequentemente uma percepção de comportamento mais reativo e violento por parte desse.

Não obstante, a reação de insatisfação política é também fortemente observada em sentido contrário à direita. Bolsonaro tem sido uma figura célebre na política brasileira há anos por assumir atitudes e falas controversas e intolerantes. No decorrer de sua carreira política pode-se constatar falas violentas contra grupos minoritários, principalmente voltadas às mulheres e à comunidade LGBTQIA+. Dessa forma, desde sua candidatura à presidência da república, um grande movimento anti-bolsonarista se fortaleceu, levantando o discurso do #EleNão, e mediando uma forte mobilização de diferentes minorias, vítimas de seu posicionamento (Zanotti; Rama e Tanscheit, 2023). Essa movimentação se estendeu ao decorrer de sua gestão como presidente, e foi reforçada principalmente pela crise sanitária da Covid-19 e a falta medidas do governo ante o problema. Ainda durante o início da pandemia, o Governo Federal pouco se envolveu com as tomadas de ações que estavam sendo decretadas pelas unidades federativas e seus governadores, além de ter se posicionado contra as medidas de restrição e o fechamento das atividades econômicas, assumindo um claro discurso populista

voltado a sua base eleitoral, largamente composta pelo empresariado brasileiro (Vazquez e Schlegel, 2022).

Ao analisar a reação da população ante o posicionamento do ex-presidente em relação ao combate à Covid-19, Rennó, Avritzer e Carvalho (2021) pontuam que em um ponto de vista geral da população, a maior parcela não esteve de acordo com o posicionamento do então presidente para com sua política de enfrentamento. Ademais, outros fatores estiveram interligados ao evento. Bolsonaro foi fervoroso em suas falas e posicionamentos, se referindo a doença como uma ‘gripezinha’, culpabilizando a mídia e ignorando os números de mortos no país, mesmo que o Brasil tenha se tornado um dentre os países com maiores números de óbitos pela Covid-19 (Rennó, Avritzer e Carvalho, 2021). Houve, também, uma postergação na aquisição das vacinas, tendo impedido que a população pudesse ter se imunizado mais cedo na pandemia, somado às ações constantes contra as proposições do ministério da saúde e totalizando nas 3 trocas de ministro desde o início da pandemia. Posto isso, pode-se notar a influência desses fatores para sustentar uma reação adversa da população, a qual se viu subordinada às negligências do governo frente à crise da Covid-19. Esses foram alguns dos fatores que se agregaram ao anti-bolsonarismo durante os últimos anos, levando a um posicionamento responsivo da oposição eleitoral. A política se depara, portanto, com duas mobilizações veementes, uma antipetista e uma anti-bolsonarista, demonstrando essa articulação de identidades baseadas na insatisfação política.

O que se nota, até o momento, é uma contextualização do que se observa acerca da formação e fortalecimento das identidades políticas observadas nas eleições de 2022, principalmente partindo de um sentimento de aversão por parte de ambos os grupos eleitorais. A organização desses grupos pode ocorrer de formas diferentes, seja por meio de identidade partidária ou por desacordo com certas medidas políticas, sendo a identidade, geralmente, o fator de maior influência em uma polarização afetiva. Isto é, um grupo que se divide a partir do princípio de uma identidade comum, apresentando uma animosidade com demais grupos, interferir mais ativamente na polarização do cenário político do que aquele que se organiza se baseando apenas na discordância com as políticas que estão sendo aplicadas (Dias e Lelkes, 2022). Dentro do cenário da política brasileira, isso poderia auxiliar em compreender melhor comportamentos mais radicais ou violentos por parte de grupos que se organizam a partir de identidades mais definidas e partidárias (ou ideológicas). Deve-se ressaltar que essas identidades não precisam estar estritamente ligadas à imagem de um partido político específico, mas sim a uma mesma bandeira ou objetivo, visto que no Brasil existe uma grande fragmentação e baixa identidade partidária (Ortellado, Ribeiro e Zeine. 2022).

A literatura conta com uma gama mais extensa de estudos baseados na maior identificação política dos eleitores bolsonaristas. Isso pode ser entendido a partir de uma análise da ordenação social dos eleitores, isto é, na observação de como diferentes grupos sociais se dividem entre partidos, ou ideologias. Guedes-Neto (2020) apresenta que, em 2018, dentre os partidos observados, o PSL, partido que hospedava Bolsonaro na época, era o único partido que apresentava uma estatística relevante para confirmar a presença de ordenação social. Posto isso, o principal índice de ordenação observado foi o religioso, seguido pela raça, sendo a maior parte do grupo branca, e por fim a escolaridade. Observa-se também que o PT, na época representado por Haddad nas corridas presidenciais, não apresenta dados de relevância para comprovar ordenação social, além da baixa escolaridade (Guedes-Neto, 2020). Na mesma linha de pesquisa, Valente e Borba (2023) também apontam e reafirmam a correlação de que ser homem e branco aumenta a probabilidade de voto em Bolsonaro, e que o cristianismo evangélico foi um elemento central para os resultados observados em 2018. Além do mais, nota-se uma movimentação de votos relacionados ao medo de crimes no país, o que foi aproveitado por Bolsonaro para estabelecer sua campanha em cima do combate à insegurança no Brasil (Valente e Borba, 2023).

Essas observações são importantes para entender quais pautas ideológicas conversam com esses grupos, levando em conta o entendimento de que apenas uma pequena parcela de eleitores se autodenomina dentro do espectro direita-esquerda. Muitos se posicionam em cima desse espectro, por não compreenderem (Pereira, 2020). Contudo, em uma observação da construção política de Bolsonaro, entende-se que a autoidentificação como direita, passou a ser mais recorrente a partir de posicionamentos públicos do ex-presidente, como apontam Russo, Pimentel Junior e Avelino (2022): “uma parte dos eleitores não se tornou de direita e passou a votar em Bolsonaro, mas sim passou a ser de direita porque apoiou Bolsonaro, invertendo-se assim a lógica de causalidade” (Russo, Pimentel Junior e Avelino, 2022). O fenômeno de organização da direita surge, portanto, como um grupo de pressão contra os governos precedentes, e se instaura, de fato, a partir da simbologia que a imagem de Bolsonaro carrega. Isso sucede da adoção de uma agenda política fundamentada na proteção de valores cristãos e conservadores dentro da política nacional (Barbosa, 2022). Ademais, na conjuntura de Bolsonaro, pode-se observar uma reação mais ideológica de seus eleitores. Percebe-se que a movimentação eleitoral parte de uma identificação com o discurso de preservação de papéis sociais tradicionais, mais que com uma pauta ideologicamente econômica. (Fuks e Marques, 2020).

Essa observação da construção de grupos políticos que se baseiam em identidade e contraposição é importante para entender a premissa em que os eleitores se encontram. Para identificar o comportamento desses grupos, a polarização afetiva e a influência da ideologia na criação de uma identidade serão importantes para uma análise de como estes reagem aos estímulos políticos. Também, será importante para entender como a radicalização de discursos e a criação de uma bolha identitária cria uma influência interna que reforça comportamentos. Um exemplo que pôde ser observado na literatura, é o uso das redes sociais para a organização desses grupos, que desempenham um papel crucial para identificar comportamentos violentos.

2.2 Redes Sociais

Nota-se que nos últimos anos o uso de redes sociais passou a ser um elemento central para essa organização de grupos identitários, tornando-se um ambiente de debate político e campanhas eleitorais. Silva e Kemmer (2022) apontam que o ambiente digital abre espaço para que mais pessoas, que em outros contextos não se envolvam com política, participem mais ativamente em ativismos políticos. Consequentemente as arenas digitais têm se tornado ambientes onde se encontram maior engajamento político, exercendo certo tipo de influência na conjuntura atual. Ainda, os autores apresentam a arena digital como um ambiente fértil para se nutrir de uma cultura democrática voltada a maiores ativismos políticos (Silva e Kemmer, 2022).

A internet também providencia a seus usuários a sensação de menor distância dos eleitores entre si e para com seus candidatos. No entanto, essa também se caracteriza como um ambiente de baixo controle ou regulamentação, observando-se fenômenos de alta desinformação, violências e ameaças políticas, além de uma grande dificuldade de rastreamento da origem desses problemas dentro da *web* (Mariconda, 2019). Como visto anteriormente, os grupos de identificação da direita e do bolsonarismo se destacam por sua organização, e nesse contexto a internet é um elemento central. Dessa forma observa-se certos fenômenos pontuais envolvendo as relações da internet com comportamentos violentos no cenário político. Dentro da literatura, pode-se observar estudos que apontam a internet como instrumento de campanha e articulação política, disseminação de desinformação e deturpação de fatos, e plataforma de incentivo a comportamentos violentos.

Ainda em 2018, Bolsonaro tomou proveito do contexto político para lançar sua campanha presidencial, fortemente fundamentada nas redes sociais. Esse período foi marcado por seus posicionamentos fortemente anti-PT e pelo compartilhamento de notícias e mensagens

via Twitter e WhatsApp (Rennó, 2020). Sua forte comunidade de eleitores se estabilizou principalmente por meio dessas plataformas, e como visto anteriormente, tornaram essa percepção de polarização política mais evidente. Isso vem, principalmente, de um fácil acesso à informação, principalmente em uma realidade onde a mídia tradicional vem sendo substituída pelas redes.

Um outro ponto é exatamente como passou a ser mais observado, a partir desse período, um aumento de posicionamentos que chamavam atenção pela intolerância e distorção de fatos pelos internautas. É importante pontuar que essa distorção pode se dar por meio de notícias falsas, mas também por uma manipulação da percepção que o público terá de certa informação. A forma que as informações chegam ao público é importante pois elas possuem uma relação em como a política se desenvolve a partir desse ponto. Se os eleitores possuem uma memória de longo prazo da história política do país, isso influencia em uma menor polarização, mas os conhecimentos de outras variáveis pode ser aplicado a favor de uma ideologia, o que se aplicaria nessa concepção da manipulação de informação (Izzo, Martin e Callander, 2021).

No cenário brasileiro, o que se observa é exatamente uma percepção desvirtuada de pautas e acontecimentos históricos. Há uma reivindicação pelo uso da liberdade de expressão, e com isso entende-se que o espaço de liberdade abre brecha para abordar pautas que não existem de fato, mas que são uma manipulação de um cenário. Nesse caso se observa a sensacionalização da pauta de gênero e racial, criando-se uma narrativa irreal por cima desses temas, como por exemplo os frequentemente citados “kits gay” para criticar cartilhas de educação sexual nas escolas (Alves, 2023).

Essa manipulação é um instrumento político de fato usado para gerir a influência sobre a população e eleitores. Ela também se estende para um esquecimento da história e uma nova percepção moldada dos acontecimentos. Com isso, nota-se com certa frequência a retomada de um sentimento saudosista em relação à ditadura, com um negacionismo do passado e uma reformulação de como ele é transmitido. Há uma clara retomada da narrativa de que o golpe de 64 foi uma ação pela luta contra o comunismo, essa perspectiva, como muito adotada por militares, se apresenta fortemente no discurso de Bolsonaro (Alves, 2023). O que ocorre é que, a partir dessa narrativa, derivam-se algumas reações, a primeira delas é exatamente o reforço de uma bolha ideológica que se mantém presa a essa percepção de nós contra eles, e percebem os movimentos contrários como uma ameaça à liberdade e à suas ideologias. A segunda, sendo também uma reação subsequente da anterior, é a adoção de um discurso antidemocrático que pede a retomada da ditadura e o fechamento de certas instituições. Nesse cenário as redes sociais possuem um papel central por ser o principal meio por onde se manifesta esse grupo,

além de se criar uma “câmara de eco” na qual se reverbera essas mesmas ideologias e se prendem no acesso das mesmas informações. Dessa forma, essas pessoas encontram-se em uma nova realidade formulada que dificilmente pode-se ser contestada, exatamente pelo entendimento deles de que qualquer contradição ao que creem é uma invenção premeditada para impedi-los de agirem politicamente.

Alves (2023) aponta esses eventos como parte de uma ciberguerra no Brasil. Isto é, uma guerra híbrida que ocorre em ambos os espaços, e abrange a violência física e a simbólica. O que ocorre nesses espaços é exatamente uma linguagem neofacista e essa reflete na organização desses grupos militantes de direita e em como além de estarem restringidos em coexistirem em uma bolha ideológica dentro das redes, quando se deparam com um movimento de “fora” eles se mobilizam para reagir contra esses de maneira violenta e persecutória. Uma observação importante de pontuar é o poder da influência que se sobrepõe a esses grupos, que parte do que já visto anteriormente como uma imposição da ideia do “nós contra eles” de uma dicotomia de bem e mal (Alves, 2023).

O ponto que se nota aqui é um novo obstáculo com o qual a política se depara, que vem desse avanço das tecnologias de informação. O que se fabrica nesse período da pós-verdade, fruto da disseminação de informações falsas em conjunto com a produção de discursos de ódio indiscriminadamente disseminados (Mariconda, 2019). Como citado anteriormente, isso ocorre em um espaço de baixo controle e monitoramento, criando-se um ambiente propício para que as pessoas se sintam mais protegidas de qualquer repreensão por suas falas e atitudes. Contudo, esses efeitos posteriormente se manifestam ao mundo exterior, principalmente em um contexto de negacionismo. Esse desafio se torna particularmente delicado a partir do momento em que estudos e evidências concretas já não são mais suficientes, e os indivíduos passam a ter mais facilidade em se apoiar no negacionismo, geralmente por uma rejeição da realidade e um afincamento no que acreditam. Fraga e Elchier (2022) abordam esses pontos e exemplificam o desafio por meio do ensino da história em um mundo pós verdade, principalmente com a adoção de discursos fascistas para nutrir discursos que simulam uma preocupação de que ocorram doutrinações políticas e desvirtuações na educação. (Fraga e Elchier, 2022). Novamente, toma-se a ideia de uma rejeição do passado e uma retomada de discursos hostis carregados de preconceitos e rejeições sociais, que encontram conforto em se posicionarem em um mundo sensível ao acesso à informação.

2.3 Comportamento e Violência

O comportamento político parte de algumas premissas em como os indivíduos reagem a determinados contextos ou estímulos. Um exemplo é exatamente essa mobilização de grupos, rejeições a figuras políticas, a tomada de decisão durante as eleições. Contudo, deve-se entender como esses comportamentos se influenciam e quando eles podem ser vistos como violentos. O que foi visto até o momento, acerca das organizações de grupos políticos nos últimos anos, pode ser elencado em uma série de fatores que produzem ou se relacionam a determinadas reações. Fica claro que os grupos que passam a adotar determinados discursos, irão também se comportar dentro de certos padrões, e isso se torna mais evidente em uma realidade na qual a criação de bolhas ideológicas são mais frequentes, principalmente com as redes sociais. Isto é, torna-se mais fácil para as pessoas se prenderem a um mesmo pensamento compartilhado, e estarem isoladas de uma realidade externa a elas.

Para relacionar esses comportamentos, é necessário também compreender o papel das emoções na política. Há diferentes abordagens que usam as emoções como objeto de estudo dentro do contexto sociopolítico. Em sua análise, Ferreira (2023) compila essas teorias para trazer maior entendimento sobre comportamentos na política contemporânea. Estas são: teorias Dramatúrgicas, teorias Interacionistas, teorias de Rituais de Interação, teorias de Poder e Status e teorias de Troca. De forma breve, cada teoria poderá ser aplicada para entender as nuances de diferentes contextos. As teorias Dramatúrgicas, ou culturais, apontam os comportamentos como parte de um roteiro cultural, no qual os indivíduos seguem ideologias e normas dentro de uma lógica cultural que definem como os indivíduos se expressam de maneira estratégica. Nesse ponto de vista as emoções estariam restritas ao contexto cultural, limitando as experiências emocionais dos indivíduos, e o conflito entre as expectativas culturais com os sentimentos individuais geram frustrações. As teorias interacionistas, em contrapartida, colocam as emoções e comportamentos ligados diretamente ao indivíduo. Isto é, os indivíduos vão se expressar e buscar uma interpretação de como essa autoexpressão é percebida durante uma interação. Nesse contexto, as reações negativas estariam relacionadas a um recebimento negativo das identidades e sentimentos durante uma interação. Às vezes essa frustração virá exatamente de uma quebra na expectativa sobre interpretações que os indivíduos terão de seus arredores.

Em outra linha, as teorias de rituais de interação retomam o contexto cultural, em interações principalmente em grupos. Nesse sentido, o compartilhamento de emoções vem com ações coletivas e sentimentos de pertencimento. Essa linha teórica converge particularmente

com a percepção de uma ampliação emocional coletiva, o que significa que sentimentos se tornam mais intensos quando compartilhados em grupo. Além da emoção já existente que reúne a criação desse grupo, há também uma nova emoção gerada pelo sentimento de ser parte de um grupo, gerando um vínculo mais forte, denominado energia emocional (Ferreira, 2023). Nessa percepção de uma organização em grupo, pode-se citar um fator de personalidade dos indivíduos. Isso pois, indivíduos que apresentem maior extroversão ou que estejam mais abertos a experiências são mais inclinados a se envolverem mais politicamente (Ribeiro e Borba, 2016). Isso pode trazer uma maior reflexão sobre comportamentos mais manifestos e sem muito comedimento.

A autora traz também percepções sobre a teoria de Poder e Status, no qual as emoções estão ligadas a dinâmica de ganho e perda de poder e status. Isto é o ganho traz maior confiança e satisfação, ao contrário da perda que gera ansiedade e frustrações. É interessante pontuar, que Ferreira aborda os estudos de Kemper para explicar o poder em uma perspectiva de um mecanismo para coagir e superar a resistência de um grupo externo: “O processo do poder pode estar relacionado às formas de superar a resistência do outro, e isso pode se dar de várias formas, por meio de ameaças, ataques físicos ou verbais, privações, entre outras.” (Ferreira, 2023). O Status por sua vez parte do prestígio que um indivíduo terá e do lugar em que ocupa em um grupo. É importante apontar também que nesse contexto, há um efeito também da atribuição de culpa, que a autora resgata de Jasper, para justificar o sentimento relacionado, se a perda está relacionada a uma culpa própria, que geraria sentimento de fracasso e tristeza, ou se seria atribuído a outro, gerando raiva.

Por fim, as teorias sobre troca referem-se a um sistema de recompensa, onde os indivíduos terão determinados custos para receberem um recurso em retorno. quando a recompensa excede o esforço, ou o custo, as reações são positivas, em contrapartida de quando os custos são maiores, o que gerará reações negativas. Esse ponto se refere principalmente a uma relação de expectativas com a recompensa recebida. Essas teorias podem apresentar um direcionamento para entender melhor determinados comportamentos no cenário político, principalmente dentro de grupos identitários. O investimento emocional é um fator central na identificação e organização de uma coletividade (Ferreira, 2023). Nesse sentido pode-se entender de onde parte determinadas reações, sobretudo quando colocado em perspectiva as autoidentificações de grupos políticos nos últimos anos, além da ascensão ao poder e a eventual perda dele durante as eleições.

Um outro fator de importância para entender comportamentos, é a relação de tolerância que os indivíduos são capazes de ter entre si. Há fatores que interferem nessa tolerância, e entre

eles estão principalmente a convivência e a sensação de não ser ameaçada por outros grupos. Por um lado, a maior convivência com grupos mais diversos, em opinião, também demonstra um menor engajamento com a política. Por outro lado, em grupos politicamente ativos, a tolerância estará diretamente atrelada à percepção de um grupo como inofensivo, nesse ponto pode ser retomado a ideia do “nós contra eles”. Dessa forma, a tolerância entre grupos se apresenta como uma atitude custosa, visto que essa está atrelada a compartilhar direitos políticos com grupos que são objetos de repulsa ao outro (Ribeiro, Borba e Fuks, 2022). A partir dessas linhas comportamentais, pode-se analisar em conjunto com o que foi elencado até o momento sobre a organização dos grupos, principalmente os bolsonaristas, que apresentam uma articulação mais chamativa em relação às últimas eleições. Em um cenário mais delicado sob perspectiva da existência de um grupo particularmente polarizado, em uma realidade de isolamento ideológico graças aos algoritmos do mundo virtual, e sua exclusão de normas e leis vigentes, conjunta a falta de regulamentação, as atitudes se tornam mais intensas e mais reativas (Mariconda, 2016). Pode-se principalmente observar os efeitos práticos disso no cenário político até o momento.

O comportamento reativo e a violência política não se restringem, contudo, ao ambiente digital. Muito do que se reflete nessa arena também é observada na realidade, muitas vezes como um mecanismo político por si só. A questão é que essa violência é em sua maioria direcionada a determinados grupos sociais, como a população de classe baixa, negros, mulheres e membros da comunidade LGBTQIA+.

Em uma perspectiva sobre a violência contra a mulher, Araujo e Gatto (2022), trazem em sua pesquisa como o conservadorismo pode estar ligado à vulnerabilidade da mulher à violência. Em consonância com o que foi visto anteriormente sobre o negacionismo fortemente visto no grupo conservador bolsonarista, os autores apontam em sua pesquisa que os conservadores são mais inclinados a crerem que a mídia exagera o noticiário de casos de violência contra a mulher. O que foi notado na pesquisa é exatamente que em um eleitorado conservador, composto majoritariamente por homens, a violência contra a mulher não é vista como pauta prioritária, e até mesmo é percebida como exagerada (Araujo e Gatto, 2021).

Em uma linha análoga, há uma deslegitimação e oposição às pautas voltadas à igualdade racial após as eleições de 2018, junto a discursos que encorajaram essa invalidação de questões sociais por parte do então eleito presidente (Guimarães, 2022). Em consonância com a violência política racial, há também um crescimento de uma idealização punitiva na sociedade. Em uma realidade na qual a população carcerária é majoritariamente negra, uma consequência de um racismo histórico o qual marginalizou a população negra, Bolsonaro assume em sua

campanha uma propaganda de combate à criminalidade, partindo a uma desumanização de detentos e infratores no país. Nesse discurso, a violência política se torna mais explícita, visto a defesa do uso de armas, alimentando a narrativa de que se faz necessário combater o mau por meio dessa violência (Paula e Messenberg, 2023).

É importante entender que essas pautas e grupos sociais são associados à imagem da esquerda, e em contextos mais específicos de aversão, à imagem dos governos petistas. Dessa forma, bem como se assume um posicionamento agressivo e punitivo a grupos marginalizados na sociedade, esse mesmo discurso se reflete na esfera política, na qual se direciona essa intolerância aos grupos políticos da esquerda. Assim como é colocado pelos autores: “A noção do conflito entre “nós” e “eles” ativa afetos coletivos de alta intensidade, como o medo, o ódio e a raiva.” (Paula e Messenberg, 2023).

Novamente se percebe como as emoções junto a ideologias e crenças apresentam-se como fatores centrais no comportamento político das populações. No fim as reações serão fatores derivados de uma cultura de grupo e do sentimento de pertencer e defender seus ideais, com isso muitas reações podem se apresentar de formas positivas ou negativas, reagindo a como os indivíduos respondem a fatores externos e a como eles são validados por outros indivíduos.

3 CORRELAÇÕES E HIPÓTESES

O que pode ser visto até o momento é uma série de eventos, ambientes e recursos que refletem no comportamento eleitoral, mais especificamente da população brasileira. O comportamento violento na política sempre esteve presente, contudo, ele se tornou mais evidente nos últimos anos. Dentro do contexto político histórico, a população se deparou com grandes insatisfações e frustrações com a realidade política do país, principalmente com grandes escândalos de corrupção e crises econômicas que ficaram atreladas à imagem do PT e de Lula. Essa série de eventos culminaram na organização de grupos com forte discurso de aversão ao petismo, que inicialmente apenas se apresentavam como uma parcela frustrada com a situação do país, mas eventualmente se ramificaram para grupos mais reacionários. Em acréscimo a isso, esses grupos encontraram no espaço virtual um ambiente propício para sua organização, onde não somente estavam delimitados dentro de uma bolha ideológica, mas como também não enfrentaram grandes impeditivos para comportamentos mais desmedidos e pouco controlados, visto o ambiente de baixa regulamentação.

Dentro desse cenário, há, portanto, uma movimentação onde as pessoas agem de maneira mais intolerante ante a debates e contradições a suas crenças. Determinados grupos estão mais sujeitos a serem alvo dessa violência, que podem ser por questões de estigmas e preconceitos reforçados, o que por geralmente afeta minorias sociais, como mulheres, pessoas negras ou membros da comunidade LGBTQIA +. (Araujo e Gatto, 2021; Guimarães, 2022; Paula e Messenberg, 2023). Ademais existe uma grande resistência a esses grupos por estarem comumente relacionados às pautas defendidas pelo petismo e lulismo, reforçando o sentimento de rivalidade ou ameaça que os grupos sentem entre si.

Retomando o que aborda Ferreira em sua pesquisa, algumas das teorias das emoções dentro de contextos sociais serão elementos centrais para analisar o contexto eleitoral de 2022. Ademais, é possível observar as redes sociais como instrumento central onde esses comportamentos se manifestam, mas também como objeto de influência e manipulação para a instigação de posturas mais violentas entre os eleitores (Ferreira, 2023). Dessa forma será possível traçar determinadas análises e hipóteses em busca de identificar as relações de aumento do comportamento violento durante a última eleição presidencial.

Em uma primeira análise, levando em consideração as teorias de rituais de interação, o comportamento dos eleitores seria como um reflexo de um forte sentimento que parte dos indivíduos em pertencer e compartilhar entre si uma mesma emoção, ideia ou pensamento. Dessa forma, pode-se supor que o comportamento violento nas eleições de 2022 parte de uma ação coletiva por parte principalmente dos eleitores do Bolsonaro, como um grupo que compartilha de um mesmo sentimento que os une, nesse caso, suas ideologias, pautas e aversões às outras figuras políticas, principalmente aquelas que são colocadas em posições de ameaça, como a esquerda de forma geral, grupos sociais minoritários e determinadas instituições democráticas, como o STF a título de exemplo. Dessa forma, esses grupos buscam se organizar e encontram facilidade para isso nas redes sociais. Assim, traçamos uma primeira hipótese: *H1 - O grupo bolsonarista tende a ser mais emocionalmente engajado dentro de sua comunidade, gerando um uma postura defensiva que reflete um aumento do comportamento violento.*

Ainda considerando a teoria vista acima, mas também adotando a teoria interacionista, pode-se fazer uma análise sobre o comportamento dentro das redes sociais de forma mais específica. Nesse caso, deve-se entender o lugar do indivíduo como alguém que buscará seu espaço de autoexpressão e irá analisar como essa é recebida pelos demais. Dessa forma esses indivíduos encontram no ambiente virtual uma forma mais livre de conseguir se defender, se organizar e se expressar, sem grandes consequências. Nesse contexto é importante também

compreender o papel da desinformação e manipulação dos fatos na internet, bem como a existência de câmaras de vácuo que são responsáveis por reforçar determinados pensamentos e posicionamentos ideológicos e intolerantes. Dessa forma, nossa segunda hipótese seria: *H2 - A maior articulação de grupos nas redes sociais se relaciona com o aumento da violência, principalmente no que se refere a uma maior segurança em se posicionar de maneira mais livre em um ambiente não controlado.*

Agora partindo para a teoria de poder e status, e caminhando um pouco com as de rituais de interação, pode-se analisar os comportamentos como originados de um forte receio da perda de poder. Dessa forma, o grupo bolsonarista estaria mais envolvido com comportamentos violentos pois enfrentavam um alto risco de perder sua força política com a vitória de Lula durante as eleições, principalmente em um cenário onde se depararam com essa figura tão repudiada por eles. Nessa análise pode-se também citar o forte negacionismo, que além de partir da manipulação de informações para a defesa de seus interesses, parte também de um comportamento receoso que reforça a dificuldade em aceitar a realidade como ela ocorre. Assim, pode-se citar a forte rejeição aos resultados de pesquisas eleitorais realizadas na época, que apontavam Lula como o candidato com maior probabilidade de receber a maioria dos votos. Além disso, pode-se citar também a alta rejeição aos resultados, que foi um dos principais fatores de incentivo às ações depredatórias ocorridas no dia 8 de janeiro de 2023. Nesse cenário, pode-se realizar também uma observação de como se comporta Bolsonaro, pois sua imagem é o que passa a seus eleitores a sensação de segurança ou a falta dela em relação ao cenário político, além de ser seus posicionamentos que irão incentivar seus apoiadores. Assim temos: *H3 - o medo da perda de poder e status está relacionado ao aumento da violência eleitoral, bem como a sensação de estar sob a “proteção” de um governo que se posicione de maneira semelhante ao grupo (incentivo à violência).*

4 METODOLOGIA

Para entender como esses eventos ocorrem, a metodologia escolhida foi uma análise documental com notícias para observar uma variação dos acontecimentos pelo decorrer do tempo dentro do período eleitoral. Ademais, foi escolhido realizar uma observação na frequência de notícias em três portais de notícia brasileiras, Globo, Estadão e Folha de São Paulo, a partir do início das campanhas eleitorais (16 de agosto de 2022) até o dia do segundo turno, e simultaneamente dos resultados eleitorais (30 de outubro de 2022). Dessa forma, foi

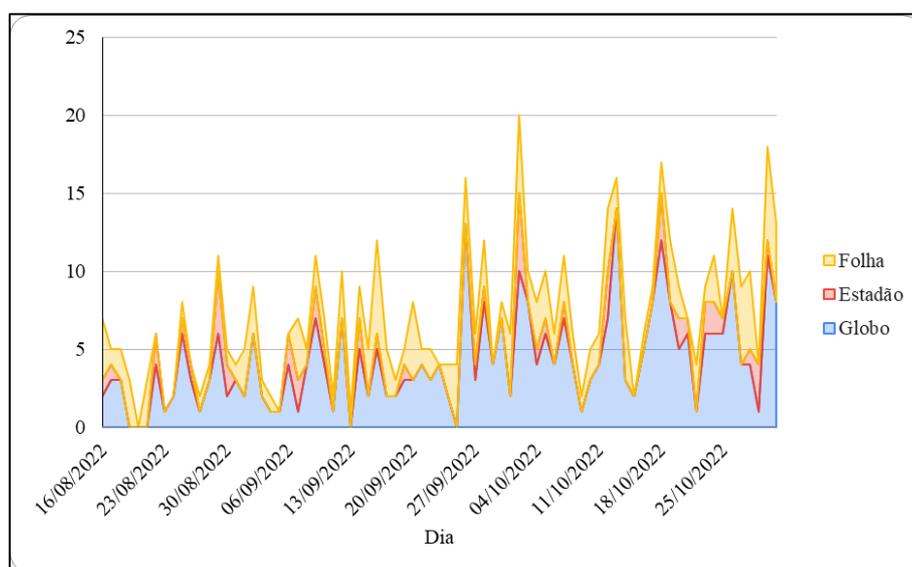
escolhido termos que pudessem ser relacionados às hipóteses para entender se ocorreu dentro desse período um aumento nas notícias relacionadas a violência e ao grupo bolsonarista.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

5.1 Engajamento emocional e o comportamento violento

Para avaliar a primeira hipótese foram selecionados os termos “ódio” e “bolsonaristas”, para relacionar eventos do grupo apoiador de Bolsonaro que estivessem ligados a comportamentos e reações emocionalmente negativas, nesse caso relacionadas ao sentimento de ódio. Esse engajamento emocional negativo pode ser relacionado com diferentes manifestações violentas, entre elas discursos intolerantes e ameaças. Fazendo o levantamento de ambos os termos nos três portais midiáticos, encontra-se a seguinte frequência de notícias por cada dia do período eleitoral:

Gráfico 1 – Frequência de notícias com os termos “ódio” e “bolsonaristas



Fonte: Elaborado pelo(a) autor(a) (2023)

Ao observar o gráfico acima pode-se notar que há um aumento no número de notícias relacionadas aos termos durante o mês de outubro. Isso pode ser relacionado ao período pós primeiro turno, ocorrido no dia 2 de outubro de 2022, com a saída dos primeiros resultados, os quais apontavam Lula como o candidato mais votado. Consequentemente esses resultados destacariam uma insatisfação do grupo bolsonarista, além de servir como motivador para um aumento em casos violentos que reflitam discursos de ódio e atitudes mais emocionalmente

orientadas. Realizando um recorte, pode-se analisar o teor de determinadas notícias que foram publicadas dentro desse período.

Figura 1- Notícia bolsonaristas interrompem missas

Bolsonaristas interrompem missas e ofendem padres; religiosos veem falta de respeito

Casos ocorreram em Aparecida (SP), em Jacareí (SP) e na Região Metropolitana de Curitiba (PR).

Fonte: G1 - Bolsonaristas [...], (2022)

O portal G1, mantido pelo grupo Globo, noticiou uma série de ocorridos em igrejas católicas onde eleitores teriam invadido e interrompido missas para ofenderem padres. Os acontecimentos foram justificados principalmente sob a premissa de que os líderes religiosos estariam defendendo discursos alinhados à pauta da esquerda. Isso foi motivado por falas e posicionamentos como o caso de Aparecida em que o arcebispo diz que “o Brasil precisava vencer muitos dragões, como o do ódio, da fome e do desemprego.” Bem como o caso em Jacareí, no qual um padre é interrompido após mencionar a vereadora do PSOL, Marielle Franco, que foi assassinada em 2018. Segundo a notícia, foi gravado um vídeo no qual a mulher discute com o padre “usando expressões bolsonaristas - como "esquerdista" e "ideologia de gênero”.” (Bolsonaristas [...], 2022).

Essa primeira notícia (Figura 1) demonstraria uma primeira série de reações negativas que teriam vindo com uma frustração e consequente reação aos resultados e cenários políticos que o grupo bolsonarista se deparou. É importante pontuar que o então candidato Lula possuía aprovação maior dentro dos grupos de religiosos católicos, em contrapartida dos evangélicos, o que também pode ter sido um fator de motivação para os acontecimentos observados.

Figura 2 – Eleitores do Nordeste sofrem ataques

Fonte: Folha de São Paulo - Pitombo e Santos (2022)

Figura 3 – Onda de preconceito contra nordestinos

Fonte: Estadão – Ferrari (2022)

Outro acontecimento que foi noticiado, e que está diretamente relacionado ao discurso intolerante e de ódio, foi a ocorrência de discursos xenofóbicos contra os eleitores do nordeste após o primeiro turno, região onde a apuração dos votos apresentou majoritariamente votos ao Lula. Acima, é possível ver as notícias dos portais Folha de São Paulo (Figura 2) e Estadão (Figura 3), publicados logo após os resultados do primeiro turno, dia 6 e 4 de outubro respectivamente. Segundo a Folha, os ataques à população nordestina “começaram com o avançar da contabilização de votos no domingo (2)”. Segundo o veículo de notícias, o próprio então presidente Bolsonaro teria atrelado a taxa de analfabetismo na região com os resultados positivos para Lula. O portal apresenta diferentes relatos de ataques preconceituosos que usam termos como “esses nordestinos têm que morrer metade”, “quem vai lá e sustenta o turismo somos nós brasileiros que trabalha de verdade” e “a parte que mais recebe assistencialismo

decide sobre a parte do país que mais produz para o PIB” se referindo a região sul e sudeste. (Pitombo e Santos, 2022). A publicação do Estadão apresenta, por meio de uma entrevista com o historiador Durval Muniz, explicações para o fenômeno de ataques ao Nordeste. Principalmente no que se trata sobre a região ser principal alvo de ataques, mesmo com outros estados, como Minas Gerais, Pará e Amazonas terem apresentado também votos majoritários para Lula no primeiro turno. (Ferrari, 2022).

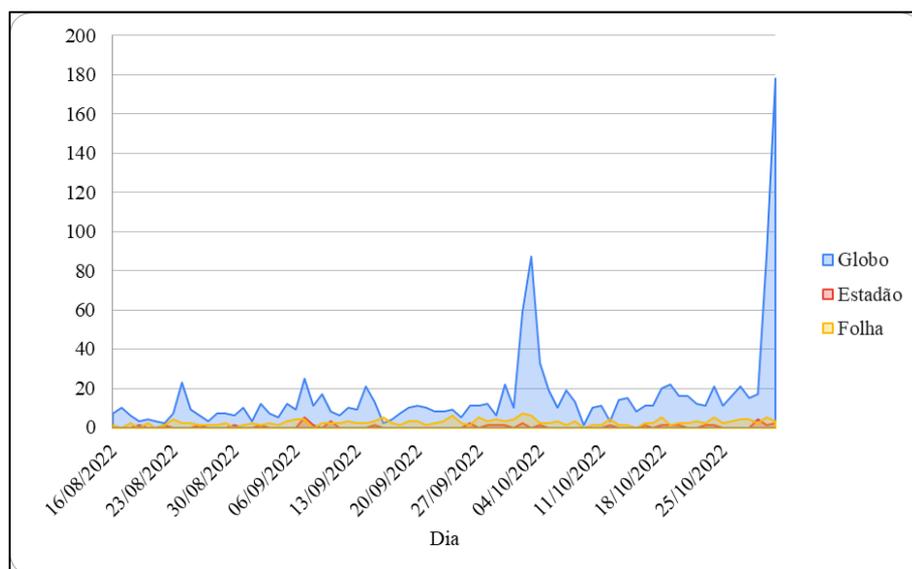
Ambas as notícias aparecem para abordar o aumento no discurso violento e intolerante que aumentou após os resultados do primeiro turno. Nesse contexto, pode-se compreender que há um posicionamento agressivo por parte do eleitorado bolsonarista que se posiciona por meio de discurso de ódio direcionado a um grupo que já é recorrentemente atacado no país. Esse discurso pode ser analisado como uma reação emocional de frustração e raiva com os resultados, que é direcionada aos nordestinos como forma de culpabilizar um grupo por suas frustrações. Assim como visto a certa das teorias de rituais de interação, há uma articulação de um grupo que se identifica e se engaja emocionalmente. Esse engajamento emocional se torna mais forte com o compartilhamento de um sentimento mais intenso, nesse caso a frustração dos resultados eleitorais.

Dessa forma, tanto no contexto dos ataques de bolsonaristas às missas, quanto os discursos intolerantes contra a população do nordeste, se observa um comportamento reativo e agressivo que parte de frustrações e da consequente culpabilização de outros grupos para justificar esse sentimento e o comportamento que o acompanha. Há um claro envolvimento emocional que se traduz em alguma forma de violência. Essa análise, em adição ao gráfico de frequência que apresenta um aumento no número de notícias relacionando o grupo bolsonarista ao termo “ódio”, pode ser lida como um aumento na recorrência de violências motivadas por engajamento emocional do grupo, confirmando a primeira hipótese.

5.2 Redes sociais e o comportamento violento

Para a segunda hipótese, foram levantados os termos, “redes sociais”, “bolsonaristas” e “violência”. A escolha desses termos buscou interligar notícias que pudessem apresentar um maior caso de notícias que relacionassem casos violentos durante as eleições com a participação dos grupos bolsonaristas nas redes sociais. Contudo é necessário fazer algumas observações sobre o que foi observado na coleta.

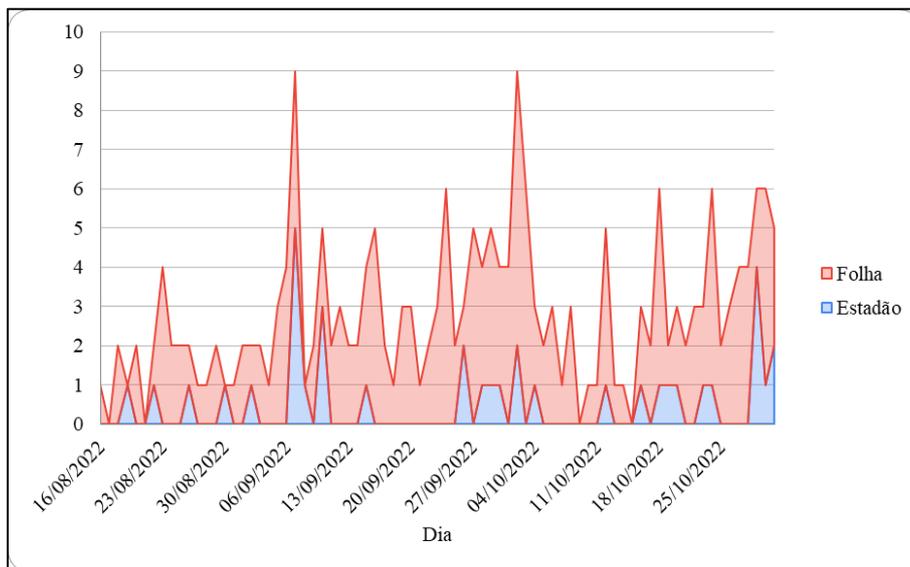
Gráfico 2 - Frequência de notícias com os termos “redes sociais”, “bolsonaristas” e “violência”



Fonte: Elaborado pelo(a) autor(a) (2023)

Um primeiro ponto a ser observado é que o portal Globo apresentou uma variação significativamente maior que os demais, isso pode ser pelo fato de o portal ter diferentes portais que o compõem, como por exemplo o G1, Valor e O Globo. Outro ponto que pode ser notado são os dois picos no gráfico perto das datas do primeiro e segundo turno. Nesse contexto, o que foi observado é que, relacionado aos termos escolhidos para a coleta, durante os dias de votação a plataforma Globo noticiou individualmente a apuração dos votos para diferentes cidades no país, o que interferiu na observação de frequência. Contudo, ao olhar separadamente a frequência na Folha de São Paulo e no Estadão, observa-se que não há de fato variações nas frequências que se acompanham, apesar de poder-se perceber um pico em ambos os sites no que seria aproximadamente o dia 7 de setembro, como pode ser visto abaixo. Há também um pico especificamente na Folha de São Paulo próximo ao dia do primeiro turno, 2 de outubro.

Gráfico 3 - Frequência de notícias com os termos “redes sociais”, “bolsonaristas” e “violência” - observação separada apenas com Folha e Estadão



Fonte: Elaborado pelo(a) autor(a) (2023)

Em uma análise de frequência, portanto, pode-se notar que não há um aumento simultâneo nas notícias dos termos nas três plataformas de forma que possa configurar uma correlação entre elas. Todavia, ao realizar uma análise documental, pode-se notar que há um debate que relaciona esses fatores. Ademais, essa temática conversa com a primeira hipótese, dado que parte do engajamento emocional e articulações para ações violentas ocorrem nas redes sociais. Isso pode ser percebido em como o grupo reage às situações e se posicionam na internet, como no caso do aumento repentino em ofensas contra a população do nordeste pós primeiro turno, isso pois, em sua maioria os posicionamentos são compartilhados pelo grupo em suas redes, por meio das quais eles agem em comunidade para se posicionarem. Não somente isso, mas houve durante o período uma forte movimentação para desmentir *fake news* e manipulações de informações e imagens. Por se configurar de um ambiente onde não há uma grande punição de seus usuários, é notável que o grupo se articula fortemente no meio virtual.

Figura 4 - Grupos de Telegram e WhatsApp espalham teorias da conspiração



Fonte: Estadão - Teles, Lima e Queiroz (2022)

Figura 5 - Plano de governo de Lula não libera aborto e drogas, diferentemente do divulgado em redes sociais



Fonte: Folha de São Paulo - Plano [...] (2022)

As publicações acima são exemplos do uso das redes sociais como instrumento de articulação dentro dos grupos antipetistas, compostos por sua maioria de apoiadores de Bolsonaro. A matéria do estadão (Figura 4) apresenta o uso das redes como um espaço livre em que conseguem se posicionar adotando o discurso visto anteriormente em que Paula e Messenberg (2023) citam em sua pesquisa, de se criar uma ideia do nós contra eles, como é exposto pela matéria sobre o que é dito em uma das mensagens compartilhadas: “Entendam, a guerra não é só de ideologia política ou de ambição financeira. A guerra é do mal contra o bem.

O Brasil é a última barreira contra o mal” (Teles, Lima e Queiroz, 2022). Enquanto isso, a matéria da Folha (Figura 5) exemplifica uma das informações falsas que foram compartilhadas durante o período (Plano [...], 2022).

Pode-se ver as *fake news*, nesse contexto, são um instrumento de articulação do grupo, mas também de proteção desse grupo, de maneira a reforçar o sentimento de união dentro de uma comunidade ao compartilharem o discurso da luta contra uma ameaça maior. Esse comportamento reflete também no medo e insegurança dos resultados eleitorais, o que reproduz essa manipulação das informações. Esse fator pode ser lido como uma forma mais velada da violência, pois não se apresenta de maneira explícita como um discurso de ódio ou uma ameaça direta, mas se manifesta de forma mais velada, interferindo no sentimento compartilhado pelo grupo e alimentando a aversão de um grupo ao outro.

Figura 6 - Facebook e Instagram dizem ter removido 600 mil conteúdos por violência



Fonte: G1 - Facebook [...] (2022)

Por sua vez, a matéria do portal G1 (Figura 6) traz uma notícia voltada ao número de conteúdos contendo violência e discurso de ódio no dentro do período de 16 de agosto a 2 de outubro. Essa matéria apresenta a violência de forma explícita nos discursos dentro das redes sociais, desde postagens que incitavam as pessoas comparecerem portando armas nos dias das eleições, até postagens que retomam o discurso de ódio contra a população nordestina, que foi apresentado anteriormente. Foi também pontuada a tentativa de confundir outros eleitores com o compartilhamento de dias e horários incorretos das eleições (Facebook [...], 2022).

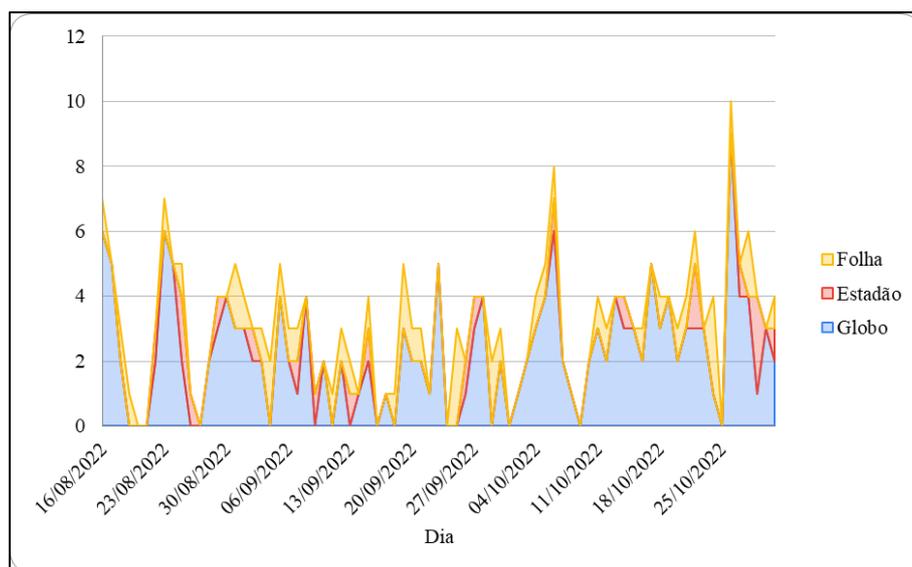
Com essas observações pode-se avaliar a participação do grupo bolsonarista nas redes sociais como algo que se destaca durante as eleições. Apesar de não haver nos gráficos com os dados levantados uma frequência homogênea entre a quantidade de notícias publicadas entre os portais, é possível observar que mais de um contexto, ou situação, que envolvem as redes

ocorre nesse período. Com a análise das notícias se torna mais observável o comportamento virtual desse grupo. Novamente, pode-se dizer que a relação do comportamento dentro das redes sociais se alinhou também com a primeira hipótese, em relação ao engajamento emocional, visto que elas podem ser usadas como plataformas para incentivos e manifestações de emoções negativas. De qualquer forma, a segunda hipótese se apoia nessa análise documental, que traz maior clareza para o uso das redes sociais durante as eleições.

5.3 Proteção do governo bolsonarista e o medo da perda da posição de poder

A ideia que se segue com a terceira hipótese é que o grupo bolsonarista se encontra durante o governo Bolsonaro em uma zona de conforto na qual eles conseguem agir e se posicionar sem muitas consequências. Isso é também acompanhado de um medo e insegurança de que se perca essa posição de “poder” na sociedade em que as lideranças políticas reforçam esses comportamentos. Com isso em mente, para avaliar a frequência de notícias, foram levantados os termos “liberdade de expressão”, “eleições” e “violência” em busca nos três portais. O objetivo foi selecionar um termo normalmente relacionado ao grupo que refletisse essa posição de proteção que eles costumam reivindicar e relacioná-lo com o comportamento violento nas eleições.

Gráfico 4 - Frequência de notícias com os termos “Liberdade de expressão” "eleições" e "violência"



Fonte: Elaborado pelo(a) autor(a) (2023)

O gráfico acima (Gráfico 4) não apresenta necessariamente uma frequência crescente ou constante entre os portais de notícia, mas é possível perceber que eles se alinham de forma próxima, com picos de notícias, principalmente nos perto dos dias do primeiro e do segundo

turno. Isso pode refletir em falas, posicionamentos ou ações tomadas nesses dias que estejam relacionadas diretamente com uma resposta dos bolsonaristas aos resultados eleitorais. Realizando uma leitura das notícias que podem ser analisadas desse período, é possível identificar comportamentos principalmente voltados a tentativa de controlar ou reverter os resultados. Novamente, assim como dito nas outras hipóteses, essa também consegue se relacionar com as demais, principalmente no tocante da resposta emocional e o engajamento que esses indivíduos possuem a partir da posição que se encontram, o que reforça o medo de resultados que os tirem dessa posição de poder e liberdade, além também das redes sociais que segue representando um espaço para que os indivíduos se articulem e encontrem a sensação de estarem resguardados pela forma que o governo se posiciona.

Figura 7 - 7 de Setembro: militantes fichados pela PF



Fonte: Estadão – Valfré et al. (2022)

Figura 8 - 'Se a gente não ganhar nas urnas, vamos ganhar na bala'



Fonte: Estadão – Teles (2022)

Em análise das notícias do Estadão acima (Figuras 7 e 8), nota-se que se assume um discurso reativo ao cenário político. A primeira notícia trata de um grupo extremista que assume um posicionamento de incentivo às pessoas para combater um inimigo em comum. A notícia aborda principalmente o contexto dos protestos ocorridos no 7 de setembro em que eram manifestadas insatisfações com o STF e seus ministros. O que pode ser identificado desse

evento é uma reação mais incisiva sobre a ameaça de perderem o discurso que estão acostumados a assumir, o que se torna mais sensível com a aproximação do primeiro turno eleitoral. A segunda notícia, por sua vez, apresenta de maneira clara um posicionamento de incentivo a violência que exprime o medo de que se perca as eleições. Em ambos os casos há uma clara movimentação que se apresenta de forma mais agressiva e reativa, principalmente ante ao cenário que ameaça a posição ocupada pelos bolsonaristas dentro do espaço político.

Figura 9 – Funcionária afirma ter sido demitida

Funcionária afirma ter sido demitida de franquias de empresa cearense após não declarar voto em Bolsonaro: 'e eu nem me posicionei a favor do Lula'

Segundo ex-funcionária, empresa passou a pressionar colaboradores a se posicionar politicamente. A assessoria jurídica da Febracis no Ceará informou que desconhece o fato, já que a empresa onde teria ocorrido o caso é uma franquia independente, com administração própria.

Fonte: G1 – Monteiro (2022)

Ademais, a notícia acima (Figura 9) também apresenta uma ocorrência de animosidade relacionada à preocupação dos resultados eleitorais. Nesse cenário a violência observada se manifesta na forma de um assédio eleitoral. Bem como outros casos vistos anteriormente, este reflete o medo de que esse poder e status, ou até mesmo a liberdade que lhes foi dada em relação a como poderiam se manifestar no contexto político de Bolsonaro, fosse tomado deles. É interessante analisar também a situação por ser em um ambiente de trabalho, pois ao se tratar de empresas haverá casos que poderão estar atrelados ao poder em aspectos econômicos e os políticos.

Dessa forma, tendo analisado os gráficos conjuntamente às notícias, percebe-se que de fato ocorrem certas movimentações violentas que estão ligadas ao medo e preocupação de que se perca as eleições e, com isso, o poder político junto a liberdade e proteção de se manifestar na sociedade, mesmo que de forma mais “controversa”, mas sem muita censura a essa postura. Pode-se acrescentar, também, que muito do que é defendido desses posicionamentos vem de discursos religiosos carregados, muitas vezes, de ideias intolerantes ou doutrinadoras que

buscam estabelecer um padrão social baseado em costumes tradicionais que não abrem muito espaço para uma diversidade de ideias na sociedade. Com a perda dessa posição, o grupo não apenas perde parte da capacidade de introduzir esse ideal por meio do poder que possuíam socialmente, e politicamente, tendo uma representação simbólica como a de um presidente com o mesmo discurso, mas o poder das falas e opiniões deles também se enfraquece. Ademais, é possível retomar outras notícias vistas em relação às demais hipóteses, e compreender que elas também se alinham com a hipótese 3, por se tratar normalmente de acontecimentos e comportamentos relacionados ao temor dos resultados eleitorais. Portanto, a terceira hipótese pode ser confirmada, não somente com a análise dos dados e documentos levantados, tendo sido observada um maior número de publicações próximo aos dias do primeiro e segundo turno, mas também se torna possível realizar análises comportamentais a partir do que foi noticiado durante o período eleitoral.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As eleições de 2022 foram marcadas por uma grande agitação dentro do cenário político. O fenômeno de rivalidade, que já é comumente observado em contextos eleitorais, tomou uma proporção mais chamativa nas últimas eleições. Isso, como pôde ser observado, se deu por fatores os quais antecedem o contexto eleitoral de 2022. Toda a criação de uma imagem negativa e difamada do PT e de Lula, vistos precedentes na história política de ambos, marcaram uma polarização e a articulação de um grupo opositor mais reativo, com discursos mais incisivos. Com isso, é possível reconhecer que esse grupo, o dos bolsonaristas, se apresentam como mais rumoroso dentro desse cenário, pois seus posicionamentos se mostram com frequência de maneira mais coerciva.

É importante, contudo, ressaltar que a presente pesquisa não serve para excluir uma análise futura do comportamento violento de outros grupos, mas sim para entender a relação que o grupo bolsonarista apresenta com a violência política. Muitos eventos singulares se evidenciaram em 2022 e em sua maioria eles foram relacionados aos apoiadores de Bolsonaro. Ocorrências essas como os acampamentos no quartel, o fechamento de vias por caminhoneiros, a invasão dos prédios na Praça dos Três Poderes em 8 de janeiro, além do aumento no debate sobre desinformação no mundo virtual, geralmente atrelados aos grupos bolsonaristas em redes sociais. Em todo caso, nota-se que há de fato uma variação de atitudes, posicionamentos e falas violentas que se ligam ao grupo bolsonarista.

Para além disso, há observações pontuais que podem ser feitas sobre a presente pesquisa. Alguns desafios surgiram no decorrer da pesquisa com a metodologia selecionada, visto que por se tratar de uma pesquisa levantada a partir de dados qualitativos de certa complexidade de avaliação, se tornou mais complicado definir um valor, por meio de termos fechados, às ideias levantadas pelas hipóteses de maneira que fossem mais precisas. Isso gerou certa dificuldade no levantamento dos dados para a elaboração dos gráficos de frequência, visto que termos muito abrangentes ou pouco relacionados poderiam interferir no quanto as notícias se correlatavam ou não com a temática buscada. Apesar disso, ainda foi possível realizar uma análise e observação dos dados coletados com pouca interferência, salvo a coleta sobre as redes sociais que apresentou uma alteração notável.

Para futuras pesquisas dentro dessa temática, é possível refletir sobre outras metodologias de coleta que possam servir para complementar a realizada no presente estudo, que em razão de limitações de tempo e recurso não foram possíveis de serem implementadas. Contudo, em prol da produção científica, entrevistas, formulários de pergunta e levantamento de dados a partir de redes sociais podem servir como formas de coleta que se acrescentem na precisão da observação desses comportamentos. É importante, para isso, refletir na limitação de se trabalhar com um grupo mais reativo, o que pode implicar em uma dificuldade sobre a participação de voluntários para responder e participar da pesquisa.

Por fim, o estudo foi capaz de trazer uma avaliação do cenário eleitoral de 2022 em relação a um fenômeno notável no contexto político. Entender os comportamentos violentos nesse âmbito, sabendo como, em que momentos e por meio de quem eles se manifestam podem auxiliar em futuras observações, não somente para análises e previsões eleitorais, mas também como um elemento que pode ser instrumentalizado para que se encontre métodos de prevenir e se recuperar de casos mais extremos de violência. Ademais, sendo um evento ocorrido a cerca de um ano da conclusão da atual pesquisa, e de certa forma ainda recente, há análises que ainda podem ser realizadas para ampliar o entendimento sobre esses comportamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Luiz F.. **Ciberguerra cultural e a linguagem (neo)facista brasileira**. Revista Contemporâneos, n. 24, 2023.

ARAÚJO, V.; GATTO, M. A. C.. **Can Conservatism Make Women More Vulnerable to Violence?** Comparative Political Studies, 55(1), 122-153. <https://doi.org/10.1177/00104140211024313>. 2022.

BARBOSA, Jefferson R.. **Direita Radical no Brasil: Bolsonaro e extrema direita**. Revista Contemporâneos, n. 23, 2022.

BELLO, A.. **Polarização política dinâmica: evidências do Brasil**. Opinião Pública, v. 29, n. 1, p. 42–68, jan. 2023.

DIAS, N.; LELKES, Y.. **The Nature of Affective Polarization: Disentangling Policy Disagreement from Partisan Identity**. American Journal of Political Science, 66: 775-790. <https://doi.org/10.1111/ajps.12628>. 2022.

FERRARI, Leon. **Onda de preconceito contra nordestinos cristaliza voto da região em Lula, avalia historiador**. Estadão, 04 out., 2022. Estadão Política. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/onda-de-preconceito-contr-nordestinos-cristaliza-voto-da-regiao-em-lula-avalia-historiador/>. Acesso em: 02 dez. 2023.

FERREIRA, M. A. S.. **As emoções na luta política: um debate mais que necessário**. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 41, p. e267628, 2023.

FISCHER, Jeff.. **Electoral conflict and violence: a strategy for study and prevention**. Arlington, IFES White Paper. 2002.

FRAGA, Juliana; EICHLER, Marcelo L. **O ensino de História e seus desafios na Sociedade da Ignorância: reflexões sobre os negacionismos e o neofascismo em Porto Alegre**. Revista Contemporâneos, n. 23, 2022.

FUKS, M.; MARQUES, P. H.. **Contexto e voto: o impacto da reorganização da direita sobre a consistência ideológica do voto nas eleições de 2018**. Opinião Pública, v. 26, n. 3, p. 401–430, set. 2020.

FUKS, M.; MARQUES, P. H.. **Polarização e contexto: medindo e explicando a polarização política no Brasil**. *Opinião Pública*, v. 28, n. 3, p. 560–593, set. 2022.

FUKS, Mario; RIBEIRO, Ednaldo; BORBA, Julian. **From Antipetismo to Generalized Antipartisanship: The Impact of Rejection of Political Parties on the 2018 Vote for Bolsonaro**. *Bras. Political Sci. Rev.*, v. 15, n. 1, e0005, Nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/1981-3821202100010003>

BOLSONARISTAS interrompem missas e ofendem padres; religiosos veem falta de respeito. G1, 18 out. 2022. Eleições. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/18/bolsonaristas-interrompem-missas-e-ofendem-padres-religiosos-veem-falta-de-respeito.ghtml>. Acesso em: 02 dez. 2023.

FACEBOOK e Instagram dizem ter removido 600 mil conteúdos por violência e discurso de ódio antes do 1º turno. G1, 10 out. 2022. Tecnologia. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/10/10/facebook-e-instagram-removem-mais-de-600-mil-conteudos-por-violencia-e-discurso-de-odio-antes-do-1o-turno.ghtml>. Acesso em: 02 dez. 2023.

GUEDES-NETO, J. V.. **Voto e identificação partidária em 2018: ordenação social na política brasileira**. *Opinião Pública*, v. 26, n. 3, p. 431–451, set. 2020.

GUIMARÃES, Carlos Augusto Sant'Anna. **Racism as a Form of Politics: Brazilian Racial Politics**. *Braz. political sci. rev.*, v. 16, n. 3, e0006, Dec. 2022. <https://doi.org/10.1590/1981-3821202200030005>

IZZO, Frederica; MARTIN, Gregory; CALLANDER, Steven. **Ideological Competition**. *American Journal of Political Science*, 67: 687-700. <https://doi.org/10.1111/ajps.12763>. 2023.

MARICONDA, P. R. **Tecnologia, ignorância e violência. Discurso**, [S. l.], v. 49, n. 2, p. 5–20, 2019. DOI: 10.11606/issn.2318-8863.discurso.2019.165412. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/165412>. Acesso em: 22 ago. 2023.

MENDONÇA, R. F.; DOMINGUES, L. B.. **Protestos contemporâneos e a crise da democracia**. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 37, p. e246424, 2022.

MONTEIRO, Marcelo. **Funcionária afirma ter sido demitida de franquias de empresa cearense após não declarar voto em Bolsonaro: 'e eu nem me posicionei a favor do Lula'**.

G1, 27 out. 2022. Ceará. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/eleicoes/2022/noticia/2022/10/27/funcionaria-e-demitida-de-franquia-de-empresa-cearense-apos-nao-declarar-voto-em-bolsonaro-e-eu-nem-me-posicionei-a-favor-do-lula.ghtml>. Acesso em: 06 dez. 2023.

ORTELLADO, P.; RIBEIRO, M. M.; ZEINE, L.. **Existe polarização política no Brasil? Análise das evidências em duas séries de pesquisas de opinião.** Opinião Pública, v. 28, n. 1, p. 62–91, jan. 2022.

PAULA, T. F. DE .; MESSEMBERG, D.. **Entre a punição ressocializadora e o idealismo punitivo: a segurança pública nos discursos da Igreja Universal do Reino de Deus e nos de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018.** Revista Brasileira de Ciência Política, n. 41, p. e268989, 2023.

PEREIRA, F. B.. **Non causa pro causa: o voto de direita e esquerdano Brasil.** Opinião Pública, v. 26, n. 2, p. 154–179, maio 2020.

PITOMBO, João Pedro; SANTOS, José Matheus. **Eleitores do Nordeste sofrem ataques criminosos após votação em massa em Lula.** Folha de São Paulo, Salvador e Recife, 06 out. 2022. Poder. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/eleitores-do-nordeste-sofrem-ataques-criminosos-apos-votacao-em-massa-em-lula.shtml>. Acesso em: 02 dez. 2023.

PLANO de governo de Lula não libera aborto e drogas, diferentemente do divulgado em redes sociais. Folha de São Paulo, São Paulo, 31 out. 2022. Poder. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/plano-de-governo-de-lula-nao-libera-aborto-e-drogas-diferentemente-do-divulgado-em-redes-sociais.shtml>. Acesso em: 02 dez. 2023.

RENNÓ, L.. (2020). **The Bolsonaro Voter: Issue Positions and Vote Choice in the 2018 Brazilian Presidential Elections.** Latin American Politics and Society. 62. 10.1017/lap.2020.13. Jul. 2020.

RENNÓ, L.; AVRITZER, L.; CARVALHO, P. D. DE.. **Entrenching right-wing populism under covid-19: denialism, social mobility, and government evaluation in Brazil.** Revista Brasileira de Ciência Política, n. 36, p. e247120, 2021.

RIBEIRO, Ednaldo Aparecido; BORBA, Julian. Personality, **Political Attitudes and Participation in Protests: The Direct and Mediated Effects of Psychological Factors on**

Political Activism. *Bras. Political Sci. Rev.*, v. 10, n. 3, e0003, nov. 2016.
<https://doi.org/10.1590/1981-38212016000300003>

RIBEIRO, E.; BORBA, J.; FUKS, M.. **Tolerância política e ativismo de protesto no Brasil: efeitos comportamentais do apoio a direitos políticos.** *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 38, p. e255478, 2022.

RUSSO, G. A.; PIMENTEL JUNIOR, J.; AVELINO, G.. **O crescimento da direita e o voto em Bolsonaro: causalidade reversa?.** *Opinião Pública*, v. 28, n. 3, p. 594–614, set. 2022.

SILVA, Diego Moraes; KEMER, Thaise. **Digital activism and democratic culture: can digital technologies help save democracy?.** *Braz. political sci. rev.*, v. 16, n. 2, e0006,
<https://doi.org/10.1590/1981-3821202200020004>. Jul. 2022.

SINGER, A.. **A reativação da direita no Brasil.** *Opinião Pública*, v. 27, n. 3, p. 705–729, set. 2021.

TELES, Levy; ‘**Se a gente não ganhar nas urnas, vamos ganhar na bala**’, diz deputado bolsonarista em Fortaleza. *Estadão*. 08 set. 2022. Política. Disponível em:
<https://www.estadao.com.br/politica/se-a-gente-nao-ganhar-nas-urnas-vamos-ganhar-na-bala-diz-deputado-bolsonarista-em-fortaleza/>. Acesso em: 06 dez. 2022.

TELES, Levy; LIMA, Samuel; QUEIROZ, Gustavo. **Grupos de Telegram e WhatsApp espalham teorias da conspiração mais radicais sobre o comunismo.** *Estadão*, 28 set. 2022. Timeline: Eleições 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/timeline-eleicoes-2022/whatsapp-telegram-comunismo/>. Acesso em: 02, dez. 2023.

UNDP. **Elections and conflict prevention: a guide to analysis, planning and programming.** Nova York, Bureau for Development Policy. 2009.

VALENTE, R.; BORBA, J.. **Tropical Trump, or a very Brazilian tale? Social class resentment as a moderating factor between anti-PT sentiment and the vote for Jair Bolsonaro in 2018.** *Opinião Pública*, v. 29, n. 1, p. 24–41, jan. 2023

VALFRÉ, Vinícius et al. **7 de Setembro: militantes fichados pela PF por atos extremistas preparam protestos; veja quem são.** *Estadão*. 10 set. 2022. Política. Disponível em:
<https://www.estadao.com.br/politica/militantes-fichados-pela-pf-por-atos-extremistas-organizam-protestos-no-7-de-setembro-veja-a-lista/>. Acesso em: 06 dez. 2022.

VAZQUEZ, D. A.; SCHLEGEL, R.. **Covid-19, Fundeb e o populismo do governo Bolsonaro nas relações federativas**. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 38, p. e255785, 2022.

ZANOTTI, L.; RAMA, J.; TANSCHKEIT, T.. **Assessing the fourth wave of the populist radical right: Jair Bolsonaro's voters in comparative perspective**. Opinião Pública, v. 29, n. 1, p. 1–23, jan. 2023.